

COMENTÁRIO BÍBLICO

4º Domingo depois da Páscoa – Ano A

10maio2020

Atos 7,55-60; Salmo 31,2-9; 1 Pedro 2,2-10

S. João 14,1-14

¹Jesus disse depois aos seus discípulos: «Não estejam preocupados. Uma vez que têm fé em Deus, tenham também fé em mim! ²Na casa de meu Pai há muitos lugares; se assim não fosse, ter-vos-ia dito que vou preparar-vos um lugar? ³Eu vou à vossa frente para vos preparar lugar. E depois de vos ir preparar um lugar, hei-de voltar para vos levar para junto de mim, de modo que estejam onde eu estiver. ⁴E o caminho para o lugar onde eu estiver, já o conhecem.»

⁵Tomé disse a Jesus: «Senhor, nós nem sequer sabemos para onde é que tu vais! Como é que podemos saber qual é o caminho?» ⁶«Eu sou o caminho, a verdade e a vida», respondeu Jesus. «Ninguém pode chegar ao Pai sem ser por mim. ⁷E já que me conhecem ficam a conhecer também o Pai. E desde agora ficam a conhecê-lo porque o viram.»

⁸Filipe pediu-lhe: «Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta.» ⁹Jesus respondeu-lhe: «Filipe, há tanto tempo que vivo convosco e ainda não me conheces? Aquele que me viu, viu também o Pai. Como é que tu me pedes: Mostra-nos o Pai? ¹⁰Não acreditas que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que vos digo não as digo por mim. O Pai que está em mim é quem realiza as suas obras. ¹¹Acreditem que eu estou no Pai e o Pai está comigo. Mas se não querem crer em mim pelas minhas palavras, creiam em mim ao menos pelas minhas ações. ¹²Digo-vos com toda a verdade que aquele que crê em mim faz tudo aquilo que eu faço e há-de fazer coisas maiores ainda, porque eu vou para o Pai. ¹³E hei-de conceder tudo o que pedirem em meu nome para que o Pai seja glorificado no Filho. ¹⁴Por isso, hei-de fazer tudo o que me pedirem.»

1. Nos dois Domingos anteriores Jesus apresentava-se a caminhar, primeiro, com os discípulos para Emaús, depois, com as ovelhas para o pasto. Jesus o caminheiro, aquele que caminha só ou com alguém. Hoje, porém, Jesus diz-nos que é o caminho, o próprio caminho. Ele caminha connosco – estamos certos – nas retas e curvas do peregrinar da nossa existência, mas vai mais longe, quer mostrar-nos “o caminho para o lugar onde eu estiver”, para Deus. E esclarece “ninguém pode chegar ao Pai sem ser por mim”. Assim se apresenta como o modelo a seguir para o encontro quotidiano e venturoso com o Senhor da nossa vida. Por outras palavras, Jesus afirma que só nos seus atos e palavras se vê o que Deus quer e do que Deus gosta, pelo que, ao imitá-Lo somos preenchidos pela presença de Deus em cada um dos nossos atos. E foi bem explícito: “Eu e o Pai somos um” (S. João 10, 30).

Como gostamos de desejar àqueles de quem nos despedimos ‘fica com Deus!’, ou ‘vai com Deus!’. É bom que ao fazê-lo estejamos conscientes de que estamos a ‘introduzir’ o(a) nosso(a) interlocutor(a) na ambiência de Jesus como modelo do ‘estar’ com Deus. Não há dúvida que o Apóstolo Paulo foi inspirado por esta imagem de Jesus como único caminho para o Pai ao escrever a Timóteo “Há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, o homem” (I Timóteo 2,5). Sim, Jesus caminha connosco para nos ajudar na nossa ‘viagem’ e também é o Caminho a seguir para que em cada um dos dias do nosso caminhar Deus se faça

presente, porque *“aquele que crê em mim faz tudo aquilo que eu faço e há-de fazer coisas maiores ainda”*.

2. No contexto da última ceia com seus discípulos Jesus procura fortalecê-los na fé. Ao anunciar-lhes a traição de Judas, a sua partida para o Pai e a tripla negação de Pedro, Jesus apercebe-se da perturbação deles e procura acalmá-los: *«Não estejam preocupados»*. A conversa desenvolve-se e a palavra surge *“Eu sou a verdade”*. Que quererá dizer-nos? A ‘verdade’ de Jesus não é uma mera ‘declaração’ ou um ‘valor’ em si mesmo, mas, uma realidade, o ‘tudo’ em que se envolveu e viveu. É isso que está expresso na sua resposta a Pilatos *“eu sou rei. Para isso nasci e para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade”*. A verdade em Jesus é a fidelidade de homem à sua origem divina e, bem assim, a sua permanente sinceridade de caráter em atos e palavras. Por isso procurou amolecer a incredulidade entranhada no coração dos discípulos explicando: *“Acreditem que eu estou no Pai e o Pai está comigo. Mas se não querem crer em mim pelas minhas palavras, creiam em mim ao menos pelas minhas ações”* (vº 11). Já o havia dito muito antes aos discípulos de João Batista quando lhe foram perguntar *“És tu aquele que há-de vir ou devemos esperar um outro?”*. E a resposta foi: *“Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo.”* (S. Mateus 11, 3-4). Então, na nossa condição de crentes, impõe-se-nos assumir na nossa vida a Sua ‘verdade’, esforçando-nos por ser sempre pessoas honradas e honestas. É que Jesus disse a Pilatos: *“Quem é da verdade escuta a minha voz”* (S. João 18,37).

3. Dizemos de tudo o que é animado - pessoas ou animais - que tem vida. E isto pelo simples facto de ter um corpo vivente, de existir. Mas, também, somos capazes de discernir entre uma vida e outra vida materializadas em diferentes modo de viver, ou comportamentos, como usualmente dizemos. Pois bem, é nessas *nuances* da existência humana que se pode entender a expressão de Jesus *“Eu sou a vida”*.

Uma vez a multidão procurava Jesus. Quando O encontraram Jesus disse-lhes: *“procurais-me, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes”* (S. João 6, 22-27). Hoje, como na altura, há muita gente à procura de Jesus para d’Ele receber um benefício, algo que remedeie uma falta na lista das suas necessidades ou desejos. É humano e Jesus não o condenou. Apenas emendou a direção do ímpeto das gentes: *“Trabalhai, não pelo alimento que se perde, mas pelo alimento que permanece até à vida eterna”*. Ou seja, há um alimento que é indispensável à existência humana que tem sempre de ser renovado – porque se perde – e outro que se mantém e que confere à nossa existência o sentido da eternidade. Já o havia dito à samaritana junto ao poço de Jacob, quando se apresentou como a Água da Vida, que ela tão inteligentemente compreendeu: *“Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir mais aqui para tirá-la!”* (S. João 4,1-15). Então, o que Jesus está a querer dizer-nos é que quer acrescentar algo ao nosso modo de existir, de estar, que dá um sentido novo à nossa vida. “Jesus nunca vive na base de abstrações ou normas gerais; ele sempre vê o ser humano em sua situação totalmente concreta. Por isso, sabia ser tão profundamente e tão surpreendentemente humano para os seus semelhantes” (Schillebeeckx). Para nós a questão que se coloca é esta: confiamos ou não confiamos? Mais do que procurá-Lo para obter o milagre que nos satisfaz a necessidade, temos uma decisão a tomar: depositar confiança em Jesus, convictos de que n’Ele foi revelada a maneira como Deus cuida do ser humano.

4. No contexto duma tradição evangélica vinda dos Estados Unidos da América celebra-se neste 2º domingo de Maio a Festa das Mães. Por razões sociológicas há Paróquias na Igreja Lusitana que a celebram no 1º Domingo de Maio.

Na minha memória estão ainda as comemorações por anos a fio depois do culto dominical e em lugar separado da Igreja, comumente o Salão Paroquial. Era uma festa realmente da Escola Dominical, um momento de verdadeira e vivida exaltação filial por nossas mães com o entoar do hino “Minha mãe dê-me um beijinho” e a distribuição das rosas vermelhas e brancas. Depois passou a fazer-se durante o culto e, com a idade avançada da maioria dos membros da Igreja, está a passar a ser uma liturgia da saudade.

Deixo aqui um pequeno extrato dum poema de Eugénio de Andrade a sua mãe, no livro "Os Amantes Sem Dinheiro"

*Não me esqueci de nada, mãe.
Guardo a tua voz dentro de mim.
E deixo-te as rosas.*

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana